

QUINTA-FEIRA
Lisboa—11 de Abril—1929

5105 TÔES

3.º ANO

Este numero foi visado pela Comissão de Censura

sempre

151



o fião

semanário humorístico

Propriedade
RENASCENÇA GRAFICA
S. A. R. L.
RUA LUZ SORIANO, 43

DIRECTOR E EDITOR
PEDRO BORDALLO

Administração
REDACÇÃO E OFFICINAS
TEL. T. 152, 153, 154
RUA DA ROSA, 57



Um BILHETE PARA
O BAILE, PELA
SUA RICA
SAUDE!

Oculos
do Botelho
Mesmo com
eles, não
viu as
horas
da pose

PERNAS
DO
BERNARDO MARQUES
—
Apesar de serem
de 7 leguas, não
alevaram ao
São Luis, para
ser caricaturado.

J. Valença

Cristovam Aires espalhando por «aires» e ventos a ideia de «Baile das Artes». Se os bilhetes se esgotaram, a sua actividade che-
gon e sobejou para mais com balles.
Os decoradores estiveram no seu papel... scenografico, auxiliando-o gestosamente na benemerita obra.
Avé Cristovam! Os que vão dançar, te saudam!



Os ditos da semana



Papá Fez oito anos o papá. Por muito que isto pareça blague, o papá *Diário de Lisboa*, tão novinho ainda, já nos deu o ser... engraçado e brincalhão, como qualquer menino pequeno, que trepa por a gente acima e nos amarrava os colarinhos.

Daqui lhe enviamos as nossas felicitações muito sinceras, porque nós não somos apenas um filho, somos também um camarada e um camarada amigo. Aos bons rapazes que nele trabalham um grande chi-coração.

Dicionário-menino Desta vez é que vai. Vai em ponto pequeno, mas vai. Vamos ter, finalmente um dicionário da língua, manipulado pelos sábios da Academia.

Não se sabia a principio se se havia de fazer um grande dicionário, se um dicionário de via reduzida, mas, por fim, tomou-se uma deliberação acertada: confeccionar um dicionário em ponto pequeno, que é coisa que o *Sempre Fixe* não entende.

Um dicionário pequeno? Mas como? Com palavras a menos? Com as palavras todas e definições *à la minute*, para quem o consultar ficar na mesma? Ou será um dicionário com as palavras todas em diminutivo para tornar a língua mais suave e amável e mais lamecha?

Seja como for, parece certo que vamos ter um dicionário, para se saber como se escrevem as palavras e o que elas significam. Bom será que, com a preocupação de o fazer pequeno, um dicionário-menino, que a Academia espera fazer crescer em tempo oportuno, não omitam as letras dobradas em certas palavras expressivas, que são o orgulho dos portugueses nos momentos solenes da sua vida.

falta a tipoia Está tudo pronto, tudo a postos. Lavaram-se as fachadas, pentearam-se os bicos e travessas, pôs-se um bocadinho de pó de arroz nas frontarias, varreu-se o lixo dos hotéis e restaurantes e abriram-se as portas de par em par, que é o gesto com que as cidades abrem os braços ao estrangeiro.

Agora que venham os turistas. Boa assistência só no Colar d'Alegria.

tes, que venham os americanos. Mas os americanos não veem, porque nós, preocupados com o arranjo da casa para os receber, esquecemo-nos de lhes mandar a tipoia à estação. E, sem meio de transporte, não ha americanos que andem, senão aqueles que já deram a alma ao criador e eram, eles próprios, reais e autênticos transportes — os americanos de saudosa memória, colegas dos carros do Jorge e do «Chora».

Em compensação, a Espanha, que nos conste, não se meteu em grandes limpezas, nem em grandes preparativos, mas não se esqueceu da tipoia. Por isso, os americanos irão desembarcar aos portos espanhóis. E nós? Nós esperaremos pelos americanos como os nossos avós esperaram por D. Sebastião, pelos americanos e pelos carros do «Chora».

A's vezes sempre lá vinha um.

Sigamo-lo! Ha tempos era um dentista que vendia o consultorio e com ele os clientes. Agora é um director de collegio que passa o estabelecimento com o competente recheio, incluindo a materia prima—os meninos. Vendeu-os, mas como os tinha bem educados, os meninos seguiram-no, foram atraz dele para a nova instalação, como se fossem cãesinhos amestrados. Os meninos quando bem ensinados, teem ás vezes destas lantusias e não querem parecer-se com os pombos correios que só querem saber da casa onde habitam, sem a menor consideração pelos seus donos.

Este caso revela-nos mais do que um negociante de collegios e de meninos; revela-nos um profeta; nem doutra forma se compreende que uma creatura com figura humana e sem halo de luz em volta da cabeça, pregue com tanto poder de atracção e de modo tão impressionante e sugestivo que os meninos exclamem, ao vê-lo partir, como ha vinte seculos na Judeia:

Sigamo-lo!
Por este processo pode fazer-se uma fortuna de *Rothchild*. E' questão de ir montando e passando sucessivamente tantos collegios quantos forem precisos para obter a conta que se deseja. E os meninos sempre atraz do mestre, como anjinhos de procição que andam a aprender para marotos.

Alimento em pilulas Lá fora está-se procedendo a experiencias da alimentação integral constituída por pequenos comprimidos, a que poderá chamar-se a alimentação em pilulas.

Pelo novo processo, concentra-se numa pastilha, de exiguas dimensões, tudo quanto é necessário à vida e desenvolvimento humano, no manifesto propósito de tornar dispensáveis as searas de *O Seculo*.

Este sistema, além da vantagem de evitar as dilatações do estômago, é extremamente pratico. Almoça-se enquanto o diabo esfrega meio olho e janta-se em menos dum fóforo dos *Vencedores*, que são

tão rápidos que nem sequer acendem, e, quando acendem, desaparecem num relâmpago, por falta de pavio para maiores demoras. E mais, dispensa as cosinheiras.

No nosso país, deve o novo processo de alimentação fazer rápida carreira, tão acostumados andamos todos nós ao alimento comprimido pela força das circunstâncias económicas de cada um.

O funcionalismo público vai ser o primeiro a adoptar o bacalhau com batatas em comprimidos e o ragú de carneiro em pilulas, e já-lo-ha com a mesma facilidade com que engole em seco a pilula do imposto de salvação pública.

O que vale é que a vida simplifica-se. Desaparece a Praça da Figueira e desenvolvem-se as boiças, onde a gente passa a ir buscar, na algibeira do colete, mantimentos para um mês.

E' claro que algumas classes serão prejudicadas, mas quem se ha de sacrificar, e a dos dentistas deve ser, talvez, a que mais sofre, porque, não havendo que mastigar, os dentes não são precisos para nada.

Da mesma forma e pela mesma razão, desaparecerão as facas e os garfos, os pratos e as terrinas, as panelas e as sertãs e até os próprios palitos, companheiros inseparáveis, durante tantos anos, dos queixais furados. Mas, o mais importante de tudo é o beneficio que advirá para a hygiene dos grandes centros, onde os canos de esgôto diminuirão consideravelmente de diâmetro.

A Tabaqueira Pois, sim, senhores. Afinal, lá fumámos o tabaco da *Tabaqueira*, que, pelo visto, vai dar para o tabaco a muita gente.

Fumámos e... gostámos. No fumo deste cigarro que estamos chupando a duo com o próprio cigarro — parecemos estar a vêr o sr. Alfredo da Silva, muito vaporoso, muito levesinho, a subir, a subir... e o tabaco a descer de preço e a subir de qualidade.

Já aqui dissemos que as embalagens não primavam pela elegancia. Agora que provamos o tabaco, achámos justificação para o facto. é que o tabaco é para fumar e as caixas — para deitar fóra.

PARES OU NUNES



— Porque será que eles andam sempre aos pares?
— Porque em Inglaterra não ha Nunes...

TEATRO

«RETROZ PRETO...»

O ser vedeta, o ser primeira actriz, é ainda — e será sempre — a ambição de toda a creatura que pensa em entrar para o teatro. Mesmo a mais ordinária creada de servir ou de meter correspondente, todas tem — em sonhos — a esperança dum dia ser *estrêla*.

Quasi todos os empregarios são vítimas de empenhos, de pedidos para fazer *desta* ou *daquela* uma artista.

Entrar para o teatro é tudo para certa gente. Ignoram completamente o meio em que vão cair e os dissabores por que vão passar. Julgam o teatro pelo que se vê da plateia. E eis é tão diferente lá dentro!

Dentre centenas de cartas que o empregario J. C. tem recebido, ha uma que merece transcriçãõ. Vamos deita-la com a ortografia e a redacção authenticas, para lhe não tirar o sabor. Que timos, no entanto, as assinaturas, e os ranhimos a sua existencia. Ebla:

« H.º Sr. J. C. »

Venho por este meio fazer-lhe um pedido, ha muito tempo que era do meu gosto escrever-lhe para satisfazer o meu gosto. A não saber se serei ou não correspondida no pedido que lhe faço no entanto porem gostava de ser satisfeita. Ouvi falar no vosso nome aonde eu logo pensei que era empregario e como eu estava resolvida a escrever-lhe para outro lado logo me resolvi escrever para o Sr.

queria fazer parte da vossa companhia eu e outra pequena seria o facto porem que eu fosse o Sr. quando escreve-esse.

Sr. J. C. por acaso me aceitar não é ao certo mandava-me dizer que era para eu ir ao ensaio mais a outra pequena se fôr na vontade do Sr. creio porem que é não lhe é falta de compreensão encontro-me numas situações muito criticas por isso me resolvi ir para ali caso o Sr. queira a vontade e a maneira com que eu me apresento não é má sinto mesmo simpatia em mi. Com isto não o maço mais sou quem se assina.

V... da C... P...
e F... da C... M...

P. S. — A minha direcção é esta

V... da C... M...

Rua da M... N.º 12.

Sr. J. C. desculpe-me deste meu atrevimento tão ruidoso que não chegou a minha menoria peço que me escreva á volta do correio por favor não se esqueça.»

Estas duas futuras vedetas mereciam realmente ter entrado para o teatro. Mal andou o J. C., a quem o teatro de revista deve alguns esforços de sã direcção, em lhes não responder. Quem sabe se não estariam ali dois grandes temperamentos... e duas grandes vocações...

Já com *cartel*, estão no teatro algumas que escrevem pior... e até as ha que nem isso sabem...

Não seria difficil mencionar-lhes os nomes...

■ ■ ■

AFINAL, *Babilonia* é que era o titulo apropriado. O que primeiro sae ainda é o melhor...

Querem mais Babilonia?

■ ■ ■

O T. N. reabre em breve as suas portas. Durante a ausencia do A. da C., vai ali funcionar a companhia do A. de A.

A peça de estreia é *A Ameça*.

Ameça? Ameça de quê?

Não nos metam sustos... Sabemos



Avelino de Almeida, director do "Cinefilo", illustre crítico teatral, em quem a paixão pelo cinema não matou a paixão pelo teatro.

O A. de A., não ameaces... que de promessas estamos cheios!... Executa e executa bem, que o publico anda ávido de ver uma peça bem representada!

A *ameça* tem razão de ser... O A. de A. traz na companhia a *teã*, mas não tem o *grave* proposito de nos fazer mal...

■ ■ ■

Pó de Maio avança, apesar de tudo, de encontro ao seu mês... Avança, que estiveram no teatro da rua da Palma... visinhos da Mouraria... e são capazes de trazer maus figados...

altiva e sem pesanejar! Apesar do *compère* morrer, sem se dar por isso, no primeiro acto, a revista não foi a enterrar... Está muito bem vestida e tem dinheiro... Quem o tem... consegue afastar a morte mais um bocadinho. Nem todos podem ter balões de oxigenio... porque lhes falta com que os comprar... *Pó de Maio* — com este sol primaveril — pode chegar a *Pó de Outubro*, apesar de nesse mês já não haver pó... A chuva fá-lo desaparecer... Os tuberculosos duram tambem, quasi sempre, até ao cair da folha... ao outono!... Pode dar-se o mesmo caso e, se assim fosse, era caso para dar os parabens ao J. L. e á

2 H. P.

Eu disse,—e a razão me justifica,
Porque tenho argumentos a prova lo,—
Que H. P, *Horse Power* significa,
E se traduz p'la força dum cavallo.

Defendo-me co'a torça da sciencia
Como decerto toda a gente vê;
Mas, H. P., negando a evidencia,
Diz que não é cavallo o H. P.

Era talvez muito melhor deixa-lo.
E que na fresca allombra ele retoice...

O H. P. diz que não é cavallo...
E como é que o demonstra?—Dando um coice.

João Fernandes.

E. S., a grande animadora, entre nós, das montagens com gosto e com deslumbramento...

■ ■ ■

A COMPANHIA B. de B.A. da C. descobriu, na *tournee* que anda fazendo, uma terra onde ninguém — julgamos nós — supunha que houvesse teatro: Favaios.

Sem desconsideração para os favaioenses, ora nome que nunca tinham ouvido pronunciar e que nunca tinham visto no mapa...

O A. da C. vai passar a usar, por baixo do nome, nos cartões de visita:

Descobridor de Favaios

■ ■ ■

AQUELE scenario onde o *Ultimo Estróina* se vê perseguido, varias vezes, por seis creanças de bibe azul, era nosso conhecido. Na peça *Zilda*, do A. C., já appareceu. Podiam ter poupado ao J. L. aquele dinheiro... Pediam-no emprestado ou faziam passar o quadro no Mazim's, por exemplo...

No entanto, ha uma explicação, como aliás para tudo. Como o *estróina* vem de olhos vendados, não viu onde foi parar...

Aquelle *Pó de Maio* trouxe-nos muita surpresa...

■ ■ ■

ESTRANHOUSE que, este ano, a temporada lirica não tivesse sido inaugurada com a *Aida*. O R. C., f'se lá pelo que fôsse, viu os ares turvos e pregou-lhe com o *Oleto*...

Teria dito consigo:
—Este ano, isto vai a meter... A vida está *negra* e, portanto, o *Oleto* é o melhor...

■ ■ ■

O J. L. insistiu no *hall* do T. da T. um *jazz* que toca no começo e no final das sessões. Entra-se para a sala ao som do *jazz* e á saída novamente o *jazz* toca...

É uma boa maneira de cegar o publico com o barulho, como se fôsse a *muleta* dum espada a cegar o I.º, para lhe dar a estocada final...

Esta comparação fica bem aqui, tanto mais que na revista ha abundancia de *palitos* e de *bois*... Não se fala noutra coisa...

■ ■ ■

A I. G. dos T. proibiu a *permanencia* nos palcos, excepto em noites de *premiere* e de *festa artistica*.

Os empregarios estão interpretando mal a ordem, não deixando entrar ninguém nas *caixas*.

O que foi prohibido foi a *permanencia* e não a *entrada*. Julgamos que não é bem a mesma coisa...

■ ■ ■

A PROPOSITO da adaptação duma peça que ultimamente foi representada, recordamos uma *frase* que nos disse um tradutor illustre, hoje representante de Portugal num pais amigo:

—Olhe, meu caro, o que é francês é francês, e o que é espanhol é espanhol...

■ ■ ■

A NOITE de 30 de Março foi fertil em *blagues*. Uma que ouvimos no Chiado, ás duas da manhã:

—A revista está muito bem vestida e tem optimos artistas, mas é como aquele bom rapaz, que nós conhecemos, que tem excellentes qualidades, que é muito bonito, mas que, na vida, não presta para nada...

O Homem das 5 horas

Boa cozinha! só no Solar d'Alegria.



Com uma perna só

Um africanista, que da Africa tinha trazido um cosinheiro preto, mandou-o um dia cosinhar uma galinhola que um amigo lhe ofecera e que tinha sido caçada nas suas propriedades do Ribatejo.

O preto, que era um cosinheiro emerito, transformou a galinhola num manjar de deuses, tal era a sua habilidade para preparar saborosos petiscos de comer e chorar por mais.

Mas o preto tambem tinha paladar e era ele proprio o primeiro apreciador da sua arte culinaria.

Uma vez preparada a galinhola, da qual se evolava um cheiro tentador, o preto teve um apetite — provar o azeite. E foi-se á galinhola e comeu-lhe uma perna.

Quando, ao jantar, a galinhola appareceu mutilada na mesa, o patrão enfureceu-se e descompôs o preto com toda a força dos seus pulmões, insultando-o, chamando-lhe estúpido e palerma, palavras que o preto ouviu com a maior tranquillidade, como quem está senhor do seu papel e sabe que não incorreu em falta grave. E, quando o patrão acabou a catillanaria, o preto perfilou-se e pediu licença para se explicar:

— E' que galinhola não tem senão uma perna — disse ele.

— Não sejas burro — recalcitou o africanista.

— Sió — fez o preto mais uma vez — galinhola só tem uma perna. E, se patrão quer vêr, basta chegar ali á janela, que elas lá estão com uma perna só.

Efectivamente, assomando á janela, o africanista verificou que umas poucas de galinholas que estavam postadas no campo tinham todas uma perna encolhida, como as cegonhas, e que não se via senão a outra que assentava no chão.

Recebendo a confissão do preto, exclamou:

— Ora, meu selvagem, já vais vêr se as galinholas só tem uma perna.

E, batendo as palmas, fê-las voar, vendo-se então com toda a nitidez que elas tinham duas pernas.

Mas o preto não se desconcertou e concluiu:

— Se patrão tem batido as palmas á outra, tambem havia de vêr que ela tinha as duas pernas.



— Leste? Um aeroplano chocou com um taxi.

— Não tem nada de extraordinario. Tambem eu não ando pelo ar e tambem choquei

Quereis dinheiro?

Jogal no

Lama

Rua do Amparo, 51 — LISBOA

Sempre sortes grandes!



Uma noite alegre só no Solar d'Alegria.

Impressões de viagem

COISAS DA AMERICA

Chegado ontem de New-York, no avião que parte de lá ás 7,15, ainda não tinha desido no aeroporto do Campo Grande, quando fui abordado, em primeira mão, por um emissario do brilhante semanario *Sempre Feliz*, que propôs a compra das minhas impressões sobre a America pela quantia de £ 1.000.

Acetel, e vou confiá-las aos seus leitores, afirmando, desde já — para evitar os sorrisos dos scepticos e as duvidas dos outros — que são a expressão da verdade, sem influencias de especie alguma.

Antes de mais nada, quero dizer, que tudo é muito diferente do que estamos habituados a ver por cá!

As casas são de uma altura monstruosa, chegando algumas, como a da Warner Brothers and C., aos 1775 andares!

O elevador leva do rez-do-chão ao ultimo, que é o campo de aterrissagem dos aviões da casa, cerca de hora e meia!

Mas esse tempo passa-se, relativamente, bem, pois o ascensor, enorme, tem um palco de variedades, com o seu «Jazz» de negros, «Girls», bailarinas, etc., etc.

A plateia é constituída por mesas redondas, com serviço de café de cevada, agua chalada, capilés e outras bebidas do genero, pois as «espirituosas» são prohibidas pela «celebre lei», de que o sr. Hoover, para europeu ver é o mais acerrimo defensor!

Na America anda-se de avião como por cá a pé! Os automoveis estão fora de moda e são só usados pelos «bota-de-elastico» da civilização!

A electricidade domina tudo! Só não vi lá, a muher electrica, já apresentada entre nós, no Coliseu dos Recreios.

Por lá não ha tifos, e ninguem se Bilivacinal Parece incrível, mas é autentico! Cada americano traz no ceu da boca, um aparelho de verdunização, que torna absolutamente puro tudo o que ingere!

Os policias são todos verdadeiros atletas, e os que por lá vi, deixam a

perder de vista o nosso «boxeur» Camarão! Só são admitidos na corporação aqueles que medirem um minimo de 2,75!

As ruas têm um omovimento diminuto, em comparação com o aereo! Os aviões cruzam-se no espaço em toras as rideções, e, no entanto, os desastres são poucos.

Deve-se isso ao magnifico serviço dos policias sinaleiros, que estão postados em plataformas colocadas sobre balões captivos.

Os crimes e assaltos, dos bandidos aos bancos, casas comerciais, etc., são frequentes, e em Chicago tive occasião de assistir ao ataque feito pela policia a uma residencia onde 3 gatunos se tinham barricado, resistindo!

Foram empregados gazes hilariantes, asfixiantes, lacrimojantes, para os dominar, mas como não desse resultado, iniciou-se um bombardeamento á casa em questão!

Empregaram-se 72 metralhadoras, 3 aviões de combate, dois dos quais os bandidos abateram com balas incendiarias! Finalmente, com a chegada da artilheria pesada, a casa foi destruída e os bandidos mortos! Fizeram 32 policias caídos para sempre, 4 aviadores e 174 transeuntes feridos!

O cinema está desenvolvidissimo! Ha uma média de 2 salas para cada 0,6 de habitante!

E' frequentissimo vermos nas ruas, exercitos franceses, com Napoleão á frente, scenas de tiros, raptos, etc. Mas é tudo «fita», pois logo atraz veem os directores, realizadores, «camera-meus», fotografos, etc.

O reclamo na America é verdadeiramente espantoso! Chegam a gastar-se muitos milhões de dolares, no réclamo de caixas de palitos, maços de ganchos ou cartas de agulhas que não chegam a custar um quarto de dolar!

E muito mais vos poderia dizer, se não fôsse a falta de tempo e espaço!

Mario Augusto



— Oh Cornelio, quem era D. João Tenorio?

— Ora! Era um fabricante de latas de atum!

BOM HUMOR

Numa agencia de aeroplanos:
O empregado: — A viagem, ida e volta, custa dois contos de réis!

O cliente: — Espero bem que o senhor não me obrigue a pagar o regresso adeantadamente...

Negocios modernos:

O banqueiro: — Neste negocio, o que posso eu perder?... Os cem contos dos meus clientes... Eu não entro com um de X.

O colega: — No teu lugar, eu guardava os cem contos. Não somos tão ricos que possamos arriscar esse capital...

Na officina:

O mestre: — Você não sabe que não pode fumar durante as horas de trabalho?

O operario: — E quem lhe disse que eu estou a trabalhar?

O pai: — Então deste o meu almoço ao cão?

O filho: — Dei, mas escusa de protestar! Concedo-lhe 50 0/0 nesta obra de caridade...

Entre creanças:

— Na Siberia morreram gelados cinco individuos que estavam junto de uma fogueira!

— III!

— Fazia tanto frio que as chamas gelaram...

Num baile elegante:

— Querido professor! O senhor por aqui?

— Que quer! Pensei em esquecer o convite, mas logo me esqueceu que tinha pensado em esquecê-lo...



— Dê-me mais alguma coisinha, meu senhor. O que hei-de fazer com meio tostão?

— Ora... ora... dê-o ao primeiro pobre que encontrar.



— Dizem que vais divorciar-te para casares com a Pepa?

— Estás doído. Onde havia de ir depois passar as minhas noites...

Elevador da Gloria

O velho Abraão, ás portas da morte, balbucia:

— Sarah, minha querida mulher, onde estás tu?

— Estou aqui, junto de ti — responde a mulher.

— Rebecca, filha adorada, onde estás?

— Estou aqui, paisinho, ao pé da tua cama.

— E Samuel, o meu querido filho, onde está?

— Estou aqui — replicou prontamente Samuel.

— Que o diabo os leve a todos — conclue Abraão. — Então quem é que ficou lá na loja?...

Zé Agarrado, como tem de fazer uma longa viagem, vai ter com o compadre para que lhe guarde o burro.

— O animal pode ficar aqui um mês?

— Pode!

— E quanto queres para forragem?

— Trinta mil réis!

— E' muito!

— Não é!

Depois de meia hora de disputa, Zé Agarrado conseguiu deixar o «pensionista» por 22 mil réis por mês.

— Mas olha que tens de me guardar o esterco do animal!

— Isso é impossivel! — contesta o compadre. — Enfim, deixa o burro e não me masses mais!

Zé Agarrado vai-se embora e tio Inacio pergunta:

— Mas como sustentas o animal por essa insignificancia, tendo ainda que guardar o esterco?

— Ora! Por 22 mil réis, o esterco não deve ser grande coisa!...

Comentario a um discurso politico pronunciado em Fanhões por um «saloi» da localidade:

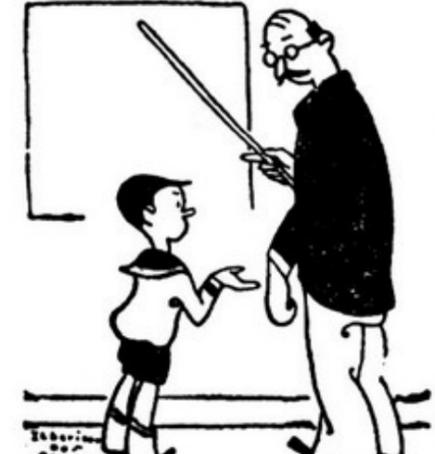
— Bonito fraseado! O homem fala bem, fala bem de mais! Até parece advogado! Mas aquilo não é dele! Conheço um livro onde vem o discurso, palavra por palavra...

— E's parvo! Então o homem ia plagiar...

— Sustento o que disse.

— Então que livro é esse?

— O dicionario!...



— De que modo se pratica a extracção da raiz quadrada?

— Não sei... Não estudo para agricultor.



— Porque se atreveu você a pescar trutas no rio?

— Porque no aquario me era mais difficil.

A vida dos Soisas

Esta historia dos Soisas não será alegre... E' mesmo, se vocelencias quizerem, uma historia triste, porque a sua vida, a vida dos Soisas, era um tanto ou quanto desgraçada.

O marido, o Eugenio Soisa, era um excelente torneiro de pernas de madeira.

Graças á protecção que gosava da Companhia Carris, durante alguns anos conseguiu viver um tanto ou quanto desafogadamente.

Mas, um dia, resolveu-se transferir a reparação das pernas estragadas pelos electricos, ou á procura das paragens, e o nosso Eugenio Soisa começou a sentir quanto pode um monopolio na vida dum cidadão pacifico.

Deu largos tratos á imaginação para melhorar de vida, mas o certo é que o negocio como aquele que a Carris lhe arrancara não via geitos de encontrar.

Pensou em inventar qualquer aparelho que aumentasse a paciencia dos cidadãos que esperam electricos para as praças do Rio de Janeiro ou do Brasil. Mas resultaram infrutiferas todas as tentativas que realizou nesse sentido.

Longas noites procurou na imaginação encontrar solução para a sua vida. Tudo baldado. Nem mesmo a ideia de meter debaixo dum electrico a perna direita lhe pareceu razoavel, por isso que a Carris tem o direito de atropelar gente, carroças, taxis, camions, etc., etc. — sem que ninguem lhe vá á mão.

Ora vocelencias já sabem o que era a vida do Soisa.

Qual a solução? Matar-se.

Pois foi isto, justamente, o que o Soisa pensou. E um dia, abeirando-se da mulher, disse:

— Minha querida mulherzinha. A nossa vida não se modifica. Só temos, portanto; uma solução — matar-nos... Estás de acôrdo?

— Claro que estou... Se somos tão infelizes, tão desgraçados, o melhor é acabar com isto e quem cá ficar que aguento a Carris.

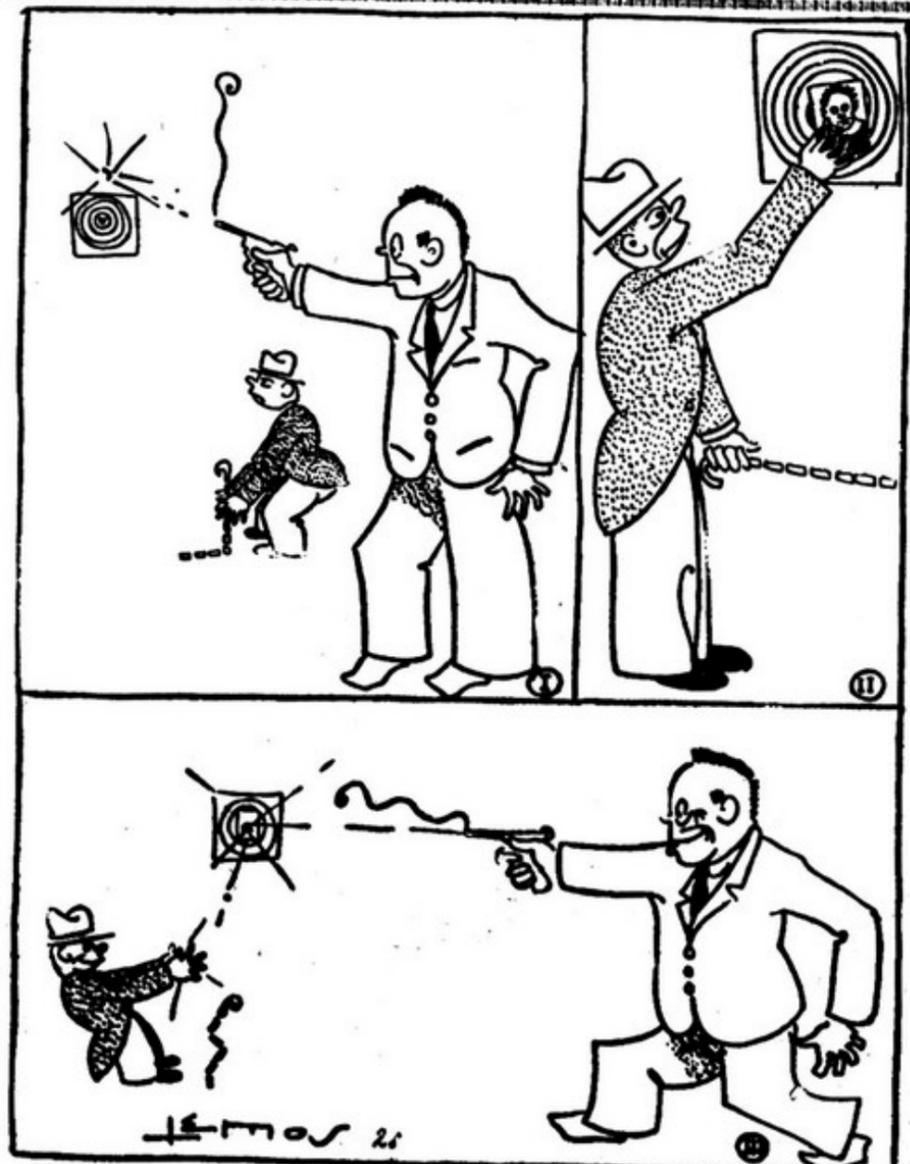
A senhora Soisa pôs em ordem toda a casa, para que não dissessem que ela, além de infeliz, era desarranjada. O Soisa escreveu duas cartas dizendo que ia suicidar-se com a mulher, notando á policia que, a continuar este estado de coisas das paragens dos electricos no ar, e o servicinho da Carris outros suicidios por falta de paciencia se iriam dar.

Depois... Depois meteram-se os dois na cozinha, calafetaram as portas e... o Soisa, abrindo a torneira do gaz, deitou-se com a cara metade sobre um colchão que, previamente, para ali haviam transportado. Abraçaram-se e pouco depois adormeceram. Não sentiriam a morte...

Mas... de manhãzinha, acordaram. Estavam vivos e sãos como dois peros, os desgraçados.

Houvera um desarranjo e as Companhias Reunidas não tinham fornecido gaz naquela noite.

— Ora esta! — dizia o Soisa para a mulher, indignado. — E eu que pensava acordar morto!



I—Malaponta nunca acertava no alvo
II—Até que um dia um amigo poz mesmo no centro do alvo o retrato da sogra dele.
III—E o resultado como se vê foi retumbante.



A critica humoristica da ultima tourada do Campo Pequeno é hoje substituida por uma publicidade gratuita aos proximos espectaculos de Algés e do Campo Pequeno, substituição de que a empreza saíra ganhando.

E' o caso que estes espectaculos, sendo um simbolo, revelam uma sinceridade que não podemos deixar em branco e sem o merecido elogio.

Pelos anuncios dos jornais e pelos vistosos e illustrados cartazes afixados, ficaram os afieionados sabendo que em Algés se exhibirá o «fakir» Trovisco, deixando-se sepultar numa cova de 1^o 80 de comprimento, fazendo-se sobre a sua sepultura todo um espectáculo de variedades e circo, além duma Feira de Sevilha, que terminará com uma parodia a uma corrida de touros com garraios.

Os leitores estão vendo o simbolo! O «fakir» Trovisco simboliza a «aficção» que, enterrada bem fundo, numa autentica cova, sofre sobre a sua sepultura o insulto dos espectaculos de variedades e circo, além do que em seu nome se prepara em Sevilha com a tal parodia de corridas á portuguesa.

Quanto á substituição de touros por garraios, é o simbolo claro como agua!

E não cáem raios e «troviscos»!

Para a que devia ser a nossa primeira praça, tambem a empreza anuncia um espectáculo eminentemente tauromaquico e simbolico: um combate de box!

Realmente, aquilo do Campo Pequeno tinha que acabar a sóco!

Perez la chaise.

As capas do "Sempre Fixe"



Só a capa 10\$00.

Capa e encadernação 15\$00.

Coleção completa de um ano, devidamente encadernada, 50\$00.

Podem, pois, ser requisitados os dois primeiros anos.

Para a provincia acresce o porte do correio.

Fados, com boa assistencia só no Solar d'Alegria.

FUMES SUNRIPE

Sortes grandes

só o PINA se vende

75 - Rua de S. Paulo - 77

Paranoia poetica

Um louco do Manicomio Miguel Bombarda escreveu a seguinte poesia a proposito dos cabelos cortados e pescoços rapados, dedicada a uma sua apaixonada ali internada:

«Fez bem em cortar o cabelo.
Já muito longe os tempos vão
Em que era uso ter muito pêlo,
Pois era de força e significação.
Lembram-se da Dalila, a desalmada,
Que cortou o cabelo ao Sansão?
Este, armado duma queixada,
Matava mil com uma só mão;
Fiado no amor da sujeita,
Contou-lhe onde a força tinha,
Mas ela, comprada por uma seita,
Adormeceu-o com uma cantiguinha.
Pegou na tesoura e, com serenidade,
Foi ao cabelo, sem dó nem piedade,
Do ex-atleta Sansão,
Que passou a ser um fracalhão.
Mas esses tempos já lá vão,
Tempos que á Historia são passados.
Estamos no seculo da civilização,
Ninguém quer cabelos, nem dados.
Para cabelos é preciso penteados,
Para penteados é preciso ganchos,
Deve-se a cabeça muita vez esfregar
Para que dos piolhos os ranchos
Fujam da floresta capilar.
Fez bem em cortar a cabeleira,
Assim, quando agora casar,
Já não necessita sopeira
Para o seu cabelo pentear.
Você ficou uma pécega d'estalo;
Quando a vi de pescoço rapado,
Sofri um espartoso abalo
E ainda fiquei mais apaixonado.
Ah! Garçonne do meu coração,
Quando me dás a tua mão?»

**Cear alegremente só no
Solar d'Alegria.**

FUMESUNRIPE

De relance

Maria:

Pois podes crer
que não percebo a razão
porque estás assim zangada...
Só se foi por te dizer,
com a maior correcção,
a noite passada,
que trazes o teu vestido
mais curto que o permitido...
Tu sabes: Tenho razão
quasi sempre no que digo,
e, senão, vais-me dizer
o que é que tenho p'ra vêr
quando casares comigo?!
Mas, por isto, um rompimento?!
Confesso que custa a crer...
só se fol por te dizer
— veiu-me agora ao pensamento —
que tu mostras no Chiado
a curva transcendente
do teu seio delicado
com impudôr...
Mas, por isto, meu amor,
uma zanga?! Francamente!...
Pois, enfim, não acredito
na tua zanga, Maria...
Só se foi por haver dito
que pintas em demasia
os olhos, e pões carmim
nas faces. Pois se és bonita
— és, pelo menos, p'ra mim —
para quê, se á rua saís,
tu precisas de ser mais
formosa do que és em casa?
Ouve lá, Mariasita,
põe teus olhos nos meus olhos,
esses teus olhos em braza,
senhores da minha fé,
e dize lá com franqueza
se, além de ser fraqueza,
isso que fazes, de resto
não achas que também é
pouco sério, deshonesto?
Tu vais-me dizer agora

que essa tua encantadora
amiga Maria Helena
usa a sia tão pequena
que param moços e velh s
e ficam parvos, extacticos,
para lhe vêr os joelhos
que eu já vi que são simpáticos...
Que também essa senhora,
seja honesta, muito embora,
sai sempre á rua pintada,
labios, olhos, tudo! tudo!
— que a gente até fica mudo
de vêr aquela fachada...
Além disso, vais dizer
que a tua Maria Helena
é muito boa pequena;
sabe ler, sabe escrever,
e tem muitas gentilezas.
Que difere tanto, tanto,
das mulheres portuguesas
em geral, de modo rudí,
que a aumentar o seu enano
até se lava a miude...
Além disso que, também,
— a consolação te resta —
para evitar enbaraços,
ela rapa o uito bem
as sobrancelhas da testa
mais o bigode dos braços...
A fechar, vais-me dizer:
— Maria Helena é casada,
e, que saibas, o marido,
por isto, não lhe diz nada...
Acredito. Pode ser...
Mas deixa que, com clareza,
e com a minha franqueza,
as coisas assim exponha,
embora te cause pena :
Se a tua Maria Helena
não liga muito á vergonha,
ao pudor, ao senso, em suma...
o marido, podes crer,
não tem vergonha nenhuma!
Beija-te as mãos com respeito
o teu — Antonio Perfeito»

L. F.

Canção Nacional

Quando, ao meio-dia lancho
é por me dar o caruncho,
bate-me a fome o faduncho
e o paladar toca a rancho.
Vai, então, eu, todo ancho,
salto p'ra o tascio num pincho,
cômo a sopa e até relincho
co'os piléus com que eu me encho
e quando o vacuo preencho
só saio á força dum gutincho.
Fico ás vezes como um cacho
assim que a torneira fecho,
porque os creditos não deixo
de lamber o fundo ao tacho.
E ao ir pela rua abaixo,
dir-se-ha que até vou côro
quando o efeito é do rôro
que meti dentro do bucho...
Ai, quem me dera, por luro,
que me dessem co'um arrôcho.

Se eu fôsse um aristocrata,
esta minha sorte preta
não passava duma treta
porque a mola era ter prata.
No final, o que se extrata
da razão que assim me grta
é que a minh'alma contrita
gosta do sumo da fruta
que se piza á força bruta
e o lagar espreme e brita!...

Se quizerem fazer êco
de quando eu apanho um bico,
não me faz mossa nem fico
pasmado como um boneco.
Porque a ronha cá do mêco
é como a que tem o cuco...

... E assim, por via do suco,
fiz rimas em ancho e ôco
té ficar esgotado o côco,
sem sequer ficar maluco!

Belóta



Do Cristovão Soares, o iniciador
do baile das artes, dedica o estuarelhe



O que se diz e o que se não deve dizer

A ingenuidade dos amadores ingleses

Realizaram-se no domingo passado as eliminatórias do Campeonato de Portugal em *foot-ball*. O que equivale a dizer que o campeonato se encontra na plena fase de: *foot-ball provincial*. E, enquanto o torneio se não circunscreve aos *teams* das capitais — Lisboa e Porto — e ao Vitoria, *ex-team* da capital, vão-se registando *scores* de 13 a 0 para grande gaudío das gentes.

Nos desafios de domingo, Lisboa marcou 26 bolas em 6 jogos. E o Porto, em 5 encontros, marcou 27 *goals*! Chama-se a isto fazer propaganda do *foot-ball* na provincia...

* * *

Celebrou-se este ano o centenario da celebre regata entre os representantes das universidades britannicas de Oxford e Cambridge.

A multidão comprimiu-se, pois ainda mais nas margens do Tamisa para assistir ao *match*.

Como todos os lugares são gratuitos, as duas universidades suportaram todas as despesas da prova, avaliadas em 2.500 libras. Como a duração da corrida não excedeu vinte minutos, cada remada salu por 200 escudos — aproximadamente.

Nos dois *campos*, o treino começou desde o primeiro trimestre escolar. Em Janeiro, o *oito* foi seleccionado e começou a construção do barco que devia participar da prova. Foi uma primeira despesa de 120 libras.

Dois jogos de remos. Um para o treino; outro para a corrida. Ou sejam 50 libras.

O transporte bi-quotidiano das embarcações para Henley ou para

FOOT-BALL VEGETARIANO



Já se deu a primeira mexidela á salada do campeonato Nacional, (ficaram apuradas 6 alfaces).

Putney, onde as equipes se treinavam: — 25 libras.

Sculls para o treino individual: — 25 libras.

Pensão dos remadores e dos respectivos treinadores, hospedados nas proprias margens do rio, durante as ultimas três semanas: — 450 libras.

Despesas imprevistas: — 50 libras.

O pagamento da policia fluvial, pela

sua intervenção durante a corrida. A indemnidade á administração do porto de Londres, que instala barragens de batelões no Tamisa e suspende assim a navegação. E, este ano, o limpar do rio dos gelos flutuantes.

Tal é o detalhe da imponente factura que os dois clubs rivais terão ainda de pagar.

Os fundos serão fornecidos pela cai-

xa do *University Boat Club*, alimentada pelas cotisações anuais dos estudantes ingleses. E cada remador contribuiu com 5 a 10 libras...

Mas, que vale tudo isto ao pé do amadorismo dos nossos tão apreciados e integrais amadores!

* * *

A corrida automobilística do Quilometro de Arranque, efectuada no Campo Grande tem feito correr muita tinta. Ha, ao que parece, muita gente zangada por a corrida ter corrido assim e não assado. Ha quem proteste por ter perdido. E ha até quem proteste em carta aberta no *Diario de Noticias*, por ter ganho o primeiro premio da respectiva categoria.

Só falta que protestem tambem os pobres, após terem recebido a recita do festival.

* * *

A organização de provas automobilísticas em Portugal traz para os dirigentes situações comparadas á da conquista duma amante.

Antes — dá muito trabalho.

No momento — os amigos sorriem e dão palmadinhas contentes nas costas.

Depois — dizem os mesmos amigos: *umas que estupor que julano arranjou!*

Rebola-A-Bola.

Aprimorados Fados só no Solar d'Alegria.

SUNRIPE



— E depois de casado não terás saudades da vida de solteiro?

— Não sejas tonta. Tenho tão poucas saudades que se enviuvasse casava-me outra vez.



— Aquele sujeito que ali vai de chapéu de côco é o meu alfaiate. Não imaginas: é uma creatura impagavel.

— Impagavel?! Onde mora o teu alfaiate?

